

ENGENHO DE DENTRO – DA OFICINA AO LEGADO OLÍMPICO: LAZER, ESPORTES E ESPAÇO

ENGENHO DE DENTRO - FROM THE WORKSHOP TO THE OLYMPIC LEGACY: LEISURE, SPORTS AND SPACE

Ciro Marques Reis¹

Renan do Nascimento Barata Antunes²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar quais foram os legados deixados à população residente do bairro do Engenho de Dentro, local que sofreu importantes modificações já no século XIX por conta da ampliação das linhas da Rede Ferroviária Federal e posteriormente para os megaeventos realizados na cidade do Rio de Janeiro. Importantes autores nos ajudam a compreender os efeitos que os megaeventos deixaram para cidade. A partir da bibliografia consultada e o trabalho de campo procuramos perceber como o processo capitalista dinamiza e altera significativamente o espaço urbano e as relações sociais. Procura-se analisar se o legado olímpico para o entorno do estádio Nilton Santos é de fato percebido no espaço e quais equipamentos urbanos se apresentam como práticas de lazer e desportos.

Palavras-chave: Engenho de Dentro. Megaeventos. Lazer.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo identificar que legados se dejaron a la población residente del barrio Engenho de Dentro, un lugar que experimentó cambios significativos en el siglo XIX debido a la expansión de las líneas de la Red Federal de Ferrocarriles y más tarde a los megaeventos celebrados en Río de Janeiro. Los principales autores nos ayudan a comprender los efectos que los megaeventos dejaron en la ciudad. A partir de la bibliografía consultada y el trabajo de campo, buscamos comprender cómo el proceso capitalista dinamiza y altera significativamente el espacio urbano y las relaciones sociales. El objetivo es analizar si el legado olímpico en torno al estadio Nilton Santos se percibe realmente en el espacio y qué equipamiento urbano se presenta como práctica deportiva y de ocio.

Palabras clave: Engenho de Dentro. Megaeventos. Ocio.

1 INTRODUÇÃO

O espaço é o local de interação entre o homem e a natureza e sua mudança espacial ocorre a partir da necessidade humana. Santos (2014) tem como base de conceitos a forma, a função, o processo e a estrutura, que nos auxiliam a compreender diversas dinâmicas

¹Doutor em Geografia (UERJ). Professor de Geografia Econômica (CEDERJ/UERJ). Coordenador Geral da Universidade Aberta do Brasil na UERJ. Coordenador Programa de Iniciação Científica da UERJ, Pesquisador do GeoBrasil - Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política da UERJ. E-mail: ciro.reis@gmail.com.

² Mestrando em Geografia, UERJ – Maracanã. E-mail: geografia.renan@hotmail.com

espaciais que ocorrem no espaço urbano. A cidade é um local de transformações maciças, sobre o qual o homem impõe suas vontades. Assim, insere, neste local, objetos materiais e mecanismos para dinamizar os fluxos através do espaço. O sistema capitalista necessita de fluxos intensos para sua reprodução com vistas a intensificar o processo de acumulação. Lefebvre (2016, p. 62) chama atenção para o fato de que a cidade não se converte

Apenas em razão de processos globais relativamente contínuos (tais como o crescimento da produção de material no decorrer das épocas, com suas consequências nas trocas, ou o desenvolvimento da racionalidade) como também em função de modificações profundas no modo de produção, nas relações cidade-campo', nas relações de classe e propriedade.

As cidades globais são resultantes desta lógica de reprodução capitalista, que tem o propósito na produção de excedentes para o processo de acumulação. A consequência de pensamento se apresenta em espaços fragmentados, tensões sociais, gerando novas dinâmicas e uma rotina urbana cada vez mais complexa. Telles (2010, p. 89) aponta que

As temporalidades urbanas estão inscritas nos serviços e equipamentos urbanos que demarcam espaços e territórios, pautam ritmos cotidianos, circunscrevem circuitos das práticas urbanas e estabelecem as conexões (e seus bloqueios) com os espaços da cidade. De partida, a temporalidade própria dos investimentos públicos que recortam territórios, redistribuem os usos de seus espaços, alteram o mercado de terras e também abrem as sendas de novas ocupações (e disputas pelo/no espaço) que vão se instalando nos interstícios dessas zonas em mutação. Seguindo as circunstâncias e tempos acelerados do capital globalizado, os grandes equipamentos de consumo também chegaram lá, redefinindo os circuitos de que são feitos esses territórios e suas referências.

Seabra (2014, p. 69) aponta que “os espaços históricos e as paisagens, muitas ainda naturais (síntese de natureza e cultura), foram sendo gradativamente submetidos à lógica do valor, que é capaz de mover a produção e reprodução capitalista da sociedade.” Analisando tais processos, este artigo tem o interesse de identificar os processos de ocupação do espaço pelos moradores do bairro e adjacências. De maneira mais específica, procura-se: a) verificar como o bairro do Engenho de Dentro, localizado na zona norte do Rio de Janeiro, compondo a região que compreende o grande Méier, sofreu transformações profundas durante o século XIX por conta da expansão da linha férrea para o subúrbio carioca e como o bairro passa pelo processo de intensificação capitalista para atender aos Jogos Pan-Americanos de 2007 e, posteriormente, aos Jogos Olímpicos Rio-2016; b) investigar quais os objetos foram inseridos na localidade que recebeu intensas obras para os megaeventos e como tais aparelhos atendem à população após o período dos jogos;

2 METODOLOGIA

Para produção deste artigo recorremos a importantes autores que procuram entender a cidade e suas práticas sociais. O geógrafo Abreu (2008) oferece uma base histórico-geográfica da evolução do transporte ferroviário na capital federal e de como essa evolução se destinou para os subúrbios do Rio de Janeiro.

Através da tese de doutoramento de Finger (2013), podemos estabelecer um diálogo com a obra e a pesquisa de Abreu (2008) no que tange à evolução dos trens para o subúrbio carioca. Assim, registra-se a concomitância da evolução das linhas férreas, para o interior da capital ao processo de urbanização do subúrbio, uma vez que a cidade entra na política de modernista e exploração maciça do café para ascensão econômica. O bairro do Engenho de Dentro, em especial, a área em que foi construído o Estádio Nilton Santos, foi ocupado por oficinas especializadas na manutenção dos trens e, por conseguinte, o proletariado em busca de trabalho (SPÖRL, 2012).

As transformações no Rio de Janeiro passam por uma lógica capitalista sem precedentes baseados no processo de acumulação e fluxos globais em que Lefebvre (2016) argumenta. As geógrafas Carlos (2005; 2011), Seabra (2014), e os geógrafos Corrêa (2017) e Serpa (2017) e o filósofo Certeau (1990) nos ajudam a entender, através dos seus trabalhos, como a cidade tornou-se objeto de intervenção agressiva da lógica capitalista.

Mascarenhas (2007; 2008; 2014; 2016) e Raeder (2008) fazem importantes contribuições para uma relação entre os jogos olímpicos, os comitês e as obrigações do poder público de agir para que certas exigências sejam implementadas no espaço urbano carioca para sediar os jogos, além de auxiliar na questão do legado olímpico que é tão difundido pelo poder público, sendo ainda enriquecer, de modo esclarecedor, no tocante às práticas de lazer ao ar livre e à vivência da cidade.

Para melhor compreensão do conceito de lazer, recorreu-se a outras bibliografias, como Almeida e Gutierrez (2005) e Grazia (1963), além de Dumazedier (1974) para robustecer nosso argumento sobre as teorias do lazer.

Após a consulta a uma ampla revisão bibliográfica, adotou-se o trabalho de campo para corroborar os argumentos dos autores consultados a fim de dar sustentabilidade à pesquisa, além de outros autores que nos auxiliam a dar corpo a este trabalho para melhor apreensão dos resultados. No campo, a metodologia utilizada para análise consistiu em observação direta sobre, auxiliando na percepção dos resultados obtidos. A visita ao local se

deu por uma semana ininterrupta em diversos horários, buscando compreender a rotina de utilização do espaço, além da utilização dos equipamentos urbanos aos quais foram resultados do legado olímpico.

3 ENGENHO DE DENTRO: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

O bairro do Engenho de Dentro, localizado no subúrbio carioca, abriga uma história de desenvolvimento e legado que particulariza o bairro em relação aos que o circundam: Abolição, Água Santa, Cachambi, Inhaúma, Méier, Lins de Vasconcelos e Quintino Bocaiúva. Ele apresenta traços de desenvolvimento econômico já no período imperial, gerando importantes fatos na história do bairro e ocupação proletária em seu espaço.

A localidade obteve sua evolução em consequência da ampliação das linhas férreas no Brasil. O lugar ganhou caráter fundamental para a ampliação dos sistemas de transportes ferroviários no Rio de Janeiro e a nível nacional. O fenômeno da expansão ferroviária para o subúrbio foi determinante para a ampliação dessa malha urbana que se apresenta nos dias atuais, posto que os moradores, o proletariado, seguiram o desenvolvimento das linhas que ocuparam o espaço além dos limites da capital fluminense. Abreu (2008, p. 50) corrobora:

A existência de uma linha de subúrbios até Cascadura incentivou, de imediato, a ocupação do espaço intermediário entre esta estação e o centro. Antigas olarias, curtumes, ou mesmo núcleos rurais, passaram então a se transformar em pequenos vilarejos, e a atrair pessoas em busca de uma moradia barata, resultando daí uma evolução considerável da demanda por transportes e a consequente necessidade de aumentar o número de composições e de estações. Na década de 60 foram inauguradas então as estações de Riachuelo e Todos os Santos.

O sistema de transporte ferroviários obteve ampliação na capital do país, visando o interesse econômico sobre o escoamento da produção do café para o exterior. Desde o interior de São Paulo até o litoral do Rio de Janeiro, o século XIX foi o período de grande expansão das linhas férreas com o objetivo de escoamento do café (MOTTA SOBRINHO, 1978).

A malha ferroviária deveria estar de acordo com o ritmo de desenvolvimento econômico brasileiro. Abreu (2008) aponta que, no ano de 1858, D. Pedro II inaugurou o primeiro trecho da malha ferroviária, que hoje é a central do Brasil e que permitiu, assim, a ocupação vertiginosa do subúrbio carioca. O bairro do Engenho de Dentro, assim como outros bairros do subúrbio, teve sua estação inaugurada em 1870, gerando, como consequência, o desenvolvimento urbano para zona norte e baixada fluminense. O autor reforça que

O processo de ocupação dos subúrbios tomou, a princípio, uma forma de ocupação tipicamente linear, localizando-se as casas ao longo da ferrovia e, com maior concentração, em torno das estações. Aos poucos, entretanto, as ruas secundárias, perpendiculares à via férrea, foram sendo abertas pelos proprietários de terra ou pequenas loteadoras, dando início assim a um processo de crescimento radial, que se intensificaria cada vez mais com o passar dos anos (ABREU, 2008, p. 50).

Segundo a tese de Finger (2013), o bairro do Engenho de Dentro abrigou uma oficina para ampliação e manutenção do sistema que estava sendo estendido por D. Pedro II em 1871 e das estações criadas em 1876 pela linha Rio d'Ouro. Spörl (2012) aponta que, no mesmo ano de 1871, a localidade recebe a construção de uma escola para os filhos dos operários que atuavam nas oficinas.

Ainda como corrobora Finger (2013), D. Pedro II criou um complexo industrial voltado para criação e manutenção dos trilhos, linhas e setores ligados aos trens. Não só apenas para o governo em si, mas favorecendo outras companhias que se instalaram no Brasil naquele período, tornando-se o complexo industrial do setor e o mais importante da América Latina. O bairro ganha uma importância industrial substancial nesse período, refletindo na ocupação do operariado que se instalava cada vez mais no local em busca de emprego.

3.2 INTERVENÇÕES URBANAS E O PROCESSO DE APREENSÃO ESPACIAL

As mudanças próximas ao bairro, como a construção do Norte Shopping, antiga fábrica Kablin³, e a construção da Linha Amarela em 1997, justificam alterações significativas que o espaço exibe. Carlos (2007^a, p. 20-21) assevera tal fenômeno quando argumenta que

A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam em um território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço através da prática socioespacial.

A localidade ganha outro significado quando o complexo das oficinas é quase todo demolido em 2006 para abrigar os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e posteriormente os Jogos Olímpicos Rio-2016, que tiveram como ponto focal a construção do Estádio João Havelange, posteriormente chamado Estádio Nilton Santos ou Engenhão. Essas alterações

3 Klabin S.A. é uma empresa brasileira, maior produtora e exportadora de papéis do país, com foco na produção de celulose, papéis e cartões para embalagens, embalagens de papelão ondulado e sacos industriais, além de comercializar madeira em toras. É controlada pela Klabin Irmãos & Cia, com participação acionária de 61%, e o Grupo Monteiro Aranha, com 9%, e organizada em quatro unidades de negócios (Florestal, Celulose, Papéis e Conversão) certificados pelo Forest Stewardship Council (FSC). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Klabin>. Acesso: 08 jul 2019.

fizeram toda uma área obter novo sentido para atender às demandas dos comitês responsáveis pelos jogos que a cidade sediaria nos anos dos eventos.

A estrutura remanescente das alterações para a construção do complexo esportivo é o museu do trem, que não teve sua estrutura modificada. Além de diversas transformações, a prefeitura criou espaços comunitários de alta tecnologia no intuito de inserir a população aos meios digitais informacionais de lazer. Nesse processo, são fundadas as chamadas “naves do conhecimento”⁴, que, além daquela construída no entorno do Engenhão, têm seu projeto de expansão ampliado para mais 40 unidades.

Após os megaeventos, os setores públicos procuram deixar de legado para a população residente do bairro e arredores aparelhos urbanos que possam atender as necessidades daqueles que habitam o espaço. Portanto, o Engenho de Dentro entra no “programa bairro maravilha” da prefeitura do Rio de Janeiro que prevê melhoria nas ruas ao norte da estação ferroviária e entorno do bairro, obras de saneamento básico, coleta de lixo, programa de arborização, ampliação da rede cicloviária entre outros (RIO DE JANEIRO..., 2016, p.37).

3.3 DO PAN-AMERICANO AOS JOGOS OLÍMPICOS: UMA RESSIGNIFICAÇÃO ESPACIAL

Mascarenhas (2008) atenta para o fato de que, a partir os jogos olímpicos de Seul em 1988, o comitê olímpico do Estado não detém o monopólio na concepção dos eventos. As empresas tomaram a dianteira da coordenação dos eventos. Neste contexto, aplica-se a parceria público-privada na atuação da disposição dos jogos. O autor indaga a questão de atualização do espaço urbano para aquilo que chama de “operações urbanísticas empresariais”. (MASCARENHAS, 2007, p.7). No que concerne a área escolhida, diversas intervenções foram realizadas para que os eventos acontecessem. Consequentemente, diversas casas e casebres foram abaixo para a construção do estádio, que tinha com principal interesse estar a serviço do capital imobiliário e dos patrocinadores/organizadores dos jogos. Ratificando o argumento, Raeder (2008, P. 205) aponta que:

Atualmente é muito frequente a preocupação das cidades sedes de megaeventos esportivos com o planejamento dos legados. São cada vez mais vultosos os recursos gastos nestes eventos e a legitimidade destes investimentos, em grande parte públicos, depende de um certo consenso para que as contestações não paralise a

⁴Naves do Conhecimento: transformar bairros em “Comunidades Inteligentes”. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/sect/exibeconteudo?id=4359508>. Acesso em: 18 dez 2019

promoção dos Jogos. A conquista deste consenso pode passar então pela aplicação de recursos em áreas que apresentam maior urgência nas intervenções, sendo o megaevento uma oportunidade para a reestruturação urbana.

Assim, podemos verificar constantes alterações no espaço do Engenho de Dentro que apresenta uma nova espacialidade pela lógica capitalista e como esses processos geram mudanças profundas no local. Carlos (2007b) contribui significativamente para entendermos como os aparelhos históricos tendem para mudanças drásticas e como a mundialização gera a necessidade de destruição de uma história do local para a criação do que a autora denomina “novos espaços de acumulação” (CARLOS, 2007a, p. 25).

O estádio do Engenhão foi uma obra pública encomendada pela Organização Esportiva Panamericana (Odepa)⁵ e pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) juntamente com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) para fazer parte de estruturas modernas que iriam abrigar os Jogos Pan-Americanos de 2007 e, posteriormente, modalidades nos Jogos Olímpicos Rio-2016. Nesse sentido, estabeleceu-se licitação em que há concessão do espaço por parte da rede ferroviária federal para a construção do Estádio Olímpico João Havelange.

As obras que iniciaram em 2003 foram adiadas quatro vezes, o que levou o estádio a ser inaugurado algumas semanas antes da abertura dos Jogos Pan-Americanos. Inicialmente, a inauguração do estádio estava prevista para dezembro de 2005. Entretanto, por questões de infraestrutura e meio legais, o estádio ficou pronto em fevereiro de 2007. Segundo Magalhães (2006), um dos impasses que levaram às dificuldades no andamento das obras foi a questão do terreno que não pertencia à prefeitura, mas sim ao Estado, processo que dificultou a licitação e o início das obras. A construção do estádio teve um custo em torno de trezentos e oitenta milhões de reais sob a gestão do então prefeito César Maia.

O estádio localiza-se entre as ruas Arquias Cordeiro, das Oficinas, Dr. Padilha e José dos Reis, conforme Figura 1, contendo uma ligação direta com a estação ferroviária Olímpica do Engenho de Dentro e acesso a pontos ônibus em quase todas as ruas, exceto a Dr. Padilha.

⁵ODEPA, Comitê Olímpico dos Continentes Americanos.

Figura 1: Localização do Estádio do Engenhão.



Fonte: Google Maps, 2019.

Durante os jogos, diversas ruas foram interditadas, cordões de segurança foram implementados para dar maior acessibilidade aos espectadores que acessavam o estádio, policiamento ostensivo foi instalado em todo o grande Méier e o ramal que atende ao bairro teve horários especiais para deslocar a população que iria assistir aos eventos.

Atendendo a uma agenda de megaeventos, o Estado inicia o processo elitização espacial do bairro e de seu entorno, proíbe todo e qualquer tipo de comércio que não obtém registros e autorizações da prefeitura e abre espaço apenas para a comercialização dos produtos dos patrocinadores e parceiros dos eventos supracitados.

Sobre a adoção dessa política, Mascarenhas (2016) esclarece de maneira elucidativa quais premissas os governos sedes dos megaeventos devem assumir para receber os jogos e como tal, “pacote de exigências” deve ser seguido para a realização das competições. No Brasil, não foi diferente. O comitê dos Jogos Pan-Americanos, o COI e a Fifa lançaram uma agenda contendo itens que o governo brasileiro deveria adotar para a realização dos eventos no país.

Schimmel (2006, *apud* TAVARES, 201, p. 17), aponta que “os megaeventos podem ser considerados marcos da modernidade com longa tradição de integrar interesses industriais e corporativos com aqueles de governos em relação ao desenvolvimento urbano e imagem nacional” (*apud* TAVARES, 2011, p 17).

É importante analisar o caso brasileiro pelas ações que o poder público exerce sobre o espaço das cidades para realização dos jogos. As obras urbanísticas são realizadas para atender às demandas dos comitês, os quais cobram certas exigências que resultam em um processo de homogeneização no lugar que sediará o evento. Obras públicas são feitas para dar viabilidade aos jogos. Os transportes são um dos exemplos desses transtornos urbanísticos que as cidades brasileiras sofreram para atender às exigências dos comitês.

A partir dessas intervenções, a capital fluminense passa por um processo de aproximadamente doze anos desde a escolha da cidade como sede dos Jogos Pan-Americanos até os Jogos Olímpicos Rio-2016, atravessando massivas transformações espaciais que mercantilizaram profundamente a cidade. A partir de Harvey (2005), podemos considerar esse movimento um processo de *espetacularização da cidade*.

Nessa lógica, “a metrópole é vista como um símbolo do mundo moderno, um centro onde a vida flui com incrível rapidez, o que impõe um ritmo alucinante e a banalização de tudo como produto direto do processo de homogeneização.” (CARLOS, 2007b, p. 35). No bairro Engenho de Dentro não foi diferente. Para que houvesse melhor comodidade do consumidor, ações foram realizadas para que estes tivessem as melhores experiências possíveis.

3.4 PÓS-MEGAEVENTOS: UMA POLÍTICA DE USO E O COTIDIANO DA PRÁTICA DO LAZER

A ocupação do espaço urbano tem o caráter simbólico daqueles que são constantemente privados de ocupar os espaços da cidade. Partindo do pensamento de Michel de Certeau (1990, p. 177), o ato de caminhar pela cidade

Está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função ‘enunciativa’: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, ‘contratos’ pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é ‘alocução’, ‘coloca outro em face’ do locutor e põe em jogo contrato entre colocutores). O ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como o espaço de enunciação.

Portanto, o espaço urbano é para os indivíduos o local das práticas cotidianas, a saber, trabalho, consumo e lazer, onde as relações socioespaciais estabelecem, a construção de

uma identidade é exercida. No Engenho de Dentro, mais especificamente no entorno do estádio Nilton Santos, ficaram de legado pós-megaeventos práticas de lazer que corroboram a atuação do poder público em deixar com que espaços que foram ressignificados para os eventos esportivos não se tornem verdadeiros “elefantes brancos” e entrem em processo de degradação.

Não obstante, o estádio em si foi cedido ao Botafogo Futebol e Regatas por 20 anos para ter mando de campo em partidas oficiais e extraoficiais de futebol, além de eventos como shows artísticos e eventos musicais. Já o entorno foi pensado na herança para as práticas do lazer e desportos. Ao falarmos do lazer, em tempos pretéritos, observa-se que o lazer para o proletariado era a rua, o circo e campos improvisados para sua prática. Diferentemente, a classe média utilizava clubes esportivos e/ou parques públicos instalados em áreas de maior valorização (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005, p. 39).

Entretanto, como argumentam Almeida e Gutierrez (2005), no período militar, as manifestações populares e de lazer poderiam servir de propaganda política. Diante dessa possibilidade, modificam o modo como os jovens deveriam praticar o lazer e os desportos. Assim, são criados incentivos para jovens tornarem-se atletas e participarem de competições oficiais como jogos olímpicos, por exemplo. O lazer durante o período militar foi bastante reprimido nos espaços públicos ao ponto de ser autorizado em apenas espaços privados, que incentivassem a formação de competidores, como clubes formadores de atletas.

Já em tempos presentes, as práticas de lazer e esportes foram tomando forma e lugares na cidade por consequência da valorização de determinados espaços, pela especulação imobiliária, ou na atuação direta do poder público com objetivo de construir locais específicos e na revitalização de áreas dessas práticas, que podem ter tido função dissemelhante em épocas passadas. As praias cariocas e alguns parques são dois espaços que servem a praticantes de esportes e lazer ao livre. Entretanto, servem, necessariamente, a uma determinada parcela da sociedade que reside perto e que tem fácil acesso a esses locais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os arredores do estádio Nilton Santos passam a ser um lugar de extrema importância enquanto práticas, pois fornecem equipamentos necessários para praticantes de diversas modalidades esportivas e cidadãos que buscam lazer ao ar livre. Grazia (1963, p. 11) enfatiza que “*ocio es el estado de verse libre de las necesidades diárias*” ou seja, o lazer pode

ser uma libertação da rotina que temos diariamente em nossas vidas cotidianas. Dumazedier (1974, p. 169) afirma que “o espaço do lazer, tanto quanto o espaço cultural, é um espaço social onde se estabelecem relações específicas entre seres, grupos, meios e classes.”

Portanto, a localidade é bastante frequentada diariamente por praticantes de atividades esportivas e indivíduos em buscar de lazer para si e seus familiares. Grazia (1963, p. 14) assevera que “*los grandes beneficios que el ocio reporta al hombre son tres: facultad creadora, verdad y libertad*”. Nesse sentido, o autor defende que o lazer é um grande gerador de ideias e reflexões para um ser humano e sua intelectualidade.

Na defesa do lazer, referimo-nos o lazer ao ar livre. Aquele que pode ser explorado na ocupação da cidade, nas vivências socioespaciais e nas interações com o urbano. Lefebvre (2016, p. 127) afirma que “os lazeres comercializados, industrializados, organizados institucionalmente, destroem essa ‘neutralidade’ da qual as pessoas se ocupam a fim de traficá-la e trafegar por ela”, em detrimento do tipo de lazer que nos é fornecido atualmente, como *shoppings*, cinemas e casa de shows.

Assim, as atividades que são desempenhadas nas adjacências do Engenhão vão desde práticas físicas regulares, com horários ou dias específicos, até atividades sem compromisso com horários ou dias específicos. Algumas atividades podem ser encontradas nas estruturas restante que antes eram das oficinas. Estão presentes, ainda, vigas e telhados das oficinas que foram mantidas no objetivo proteção das chuvas e sol. Nestes espaços, também percebemos atividades infantis, como crianças que brincam com patinetes, patins e bicicletas, e skatistas que se encontram na estrutura do galpão ao lado.

A divisão do estádio é a seguinte: o setor norte é voltado para a Rua das Oficinas, que fica paralela à Avenida Dom Helder Câmara. Nela, apresenta-se galpões e casarões abandonados. A calçada é alargada próximo a entrada do estádio. Há um laboratório farmacêutico desativado (Laboris). O setor leste compreende a Rua Dr. Padilha que possui a largura da calçada menor. Nesta parte, verifica-se casas antigas junto com empreendimentos imobiliários modernos, caracteriza-se por ser um setor mais residencial e conta também com a presença de galpões antigos. O Oeste está localizado na Rua José dos Reis é parte mais habitada da localidade. Nela apresenta-se um comércio, formal e informal, bem ativo, a escola municipal Bolívar. Exprime calçada mais larga e um maior contingente de frequentadores. Também há casa antigas e empreendimentos imobiliários novos, além de abrigar o hospital memorial. Já o setor sul está voltado para a Rua Arquias Cordeiro que possui o acesso direto à estação do trem. A calçada é quase toda larga em seu percurso. Nela estão localizadas o

museu do trem e a Nave do conhecimento, aparelhos para exercícios físicos e a presença de skatistas.

Aos que praticam a caminhada ou corrida, não há estabelecimento em um setor específico, uma vez que circundam o estádio. Entretanto, há pessoas que utilizam apenas um setor do estádio onde praticam atividades lúdicas com ou sem hora marcada. O setor oeste, que compreende a rua José dos Reis é o local que possui maior presença de praticantes, pois possui as estruturas das antigas oficinas, além do calçamento mais extenso. A localidade costuma ter maior movimentação de praticantes durante a semana, por volta das cinco e meia da tarde, quando começa a aumentar o fluxo de pessoas. Processo concomitante ao movimento de volta do trabalhador urbano para casa. O esvaziamento acontece em torno das dez horas da noite. Aos finais de semana, observamos fluxos durante grande parte do dia, mas há presença de adultos pela manhã, na faixa de sete e meia às dez e meia, e famílias em busca de lazer e pessoas em busca de atividade física por volta das quatro horas da tarde.

Com a presença consolidada desse público, a economia do local ganha bastante significado, pois há demanda de consumidores que passam boa parte de suas tardes nele. Por conta do processo de informalidade que cresceu no Brasil⁶, o local tem presença de diversos trabalhadores informais com seus carrinhos de bebidas, pipocas e alimentos diversos. Além disso, a instalação de *food trucks* que vendem alimentos e bebidas disputam o espaço com carros que estão estacionados beirando a calçada da Rua José dos Reis.

O Botafogo Futebol e Regatas disponibilizou um espaço do estádio para que fosse aberto, uma espécie de corredor do “*Food Park in Rio*”, espaço que podemos adentrar gratuitamente, consumir e assistir partidas oficiais de futebol. O local tem espaço para crianças e um estacionamento. Funciona às quartas e quintas-feiras de cinco da tarde às onze da noite, às sextas e sábados das quatro da tarde à meia-noite e aos domingos de meio-dia às dez horas da noite. Impõe-se, assim, uma nova lógica consumista ao local, disputando, ainda que indiretamente, o público que se estabelece na região.

A partir dessas análises e do trabalho de campo, percebemos que a região se mantém ativa pós megaeventos e que os moradores e frequentadores do bairro utilizam o entorno do estádio para práticas cotidianas do lazer e exercícios físicos. Sua ocupação está intrinsecamente ligada ao cair da noite durante a semana, após o horário comercial. Aos finais de semanas em horários diversos.

⁶ C.f. GONÇALVES, M. A.; JUNIOR, A. T. **Informalidade e precarização do trabalho**: uma contribuição a geografia do trabalho.

A partir da observação, percebemos que os aparelhos urbanos construídos durante as obras para os megaeventos estão sendo utilizados pela população frequentadora do bairro e das adjacências. Tem-se a preocupação de verificar se tais aparelhos deixados de herança dos jogos serviram de legado para as pessoas que ocupam esse espaço em volta do estádio e se sua finalidade está de acordo com o que se tinha como meta estipulada pelo poder público.

As instituições governamentais encaram como sucesso sediar os megaeventos, pois utilizam tal momento para alterar profundamente as estruturas urbanas da cidade e favorecer setores imobiliários e de grandes corporações. Sobre os megaeventos, as federações esportivas e representantes dos governos veem os jogos com um momento único para o país e para os estados que sediarão. “Eles apresentam os megaeventos como automaticamente benéficos para o país e sua população. Os megaeventos esportivos são entendidos como um meio de desenvolvimento acelerado do país anfitrião.” (CURI, 2013, p. 66).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise bibliográfica e o trabalho de campo, conseguimos ter uma percepção das modificações que o bairro do Engenho de Dentro sofreu para sediar os megaeventos. Buscamos perceber quais intervenções foram feitas e se houve algo de legado para população frequentadora do bairro. A partir da investigação observamos uma vasta pista de corrida com extensão de mais ou menos dois quilômetros que envolve todo o estádio. Na rua José dos Reis, que possui um calçamento mais extenso há equipamentos de exercícios físicos ao ar livre. Nesta mesma área ainda possui a estrutura residual das oficinas dos trens que protegem contra o sol e a chuva e possibilita lazer e exercícios variados em qualquer situação climática, além de pistas de skate para os praticantes dessa modalidade. A partir da observação e etnografia procuramos quais práticas de lazer e desportos que a localidade apresenta para melhor compreender a concepção de legado. As práticas como corrida, caminhadas, *crossfit* e funcional são bastante desempenhadas em vários horários. Aparelhos da academia da terceira idade atende aos idosos e outros frequentadores. Espaços ao livre estão dispostos aos praticantes de ciclismo, patins e patinetes devido a sua extensão e um calçamento propício.

Ainda se faz necessário alcançar quem são esses frequentadores, de que bairro se originam e buscar se, através de entrevistas, estão contentes e satisfeitos com as profundas

alterações que a região recebeu. Se para essas pessoas houve o legado olímpico e se atende suas demandas enquanto prática de lazer e esportiva.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2008.,

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. O lazer no Brasil: do nacional desenvolvimentismo à globalização. **Conexões**, v. 3, n. 1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637887> Acesso em: 11 jul 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011. 160p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A reprodução da cidade como negócio. *In*. CARLOS, Ana Fani Alessandri; CARRERAS, Carles. **Urbanização e Mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “Organização” à produção do espaço no movimento. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUZA Marcelo Lopes de, SPOSITO Maria Encarnação Beltrão (org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escala e desafios. São Paulo: Contexto, 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007^a. 123p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007^b. 85p.

CERTEAU, Michel. **Invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. 176p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre Agentes Sociais, Escala e Produção do Espaço: um texto para Discussão. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUZA, Marcelo Lopes de, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A Produção do Espaço Urbano**: agentes e processos, escala e desafios. São Paulo: Contexto, 2017.

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 65-88, jul./dez. 2013. Disponível e: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-1832013000200003&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 19 jul 2019.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974. 248p.

FINGER, Anna Eliza. **Um século de estradas de ferro – arquiteturas das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013, p. 49-122. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15345>. Acesso em: 20 ago 2019

GONÇALVES, Marcelino Andrade; THOMAZ JUNIOR, Antônio. Informalidade e precarização do trabalho: uma contribuição da geografia do trabalho. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 6, n. 119, 2002. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-31.htm>. Acesso em: 12 jul 2019.

GRAZIA, Sebastian. Três conceptos antiguos en el mundo moderno: el trabajo, el tiempo, el ocio. **Revista de Estudios Políticos**. número 129-130, Mayo/Agosto 1963, p. 5-20. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2048226>. Acesso em: 08 ago 2019.

HARVEY, David. **Produção Capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. 252p.

LEFEBVRE, H. **Direito à cidade**. Tradução: Cristina C. Oliveira. Itapevi, SP: Nebli, 2016. 156p.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Pan: Engenhão pode custar R\$ 100 milhões a mais. **O Globo**. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/pan-engenhao-pode-custar-100-milhoes-mais-4566817>. Acesso em: 18 ago 2019.

MASCARENHAS, Gilmar. A produção da cidade olímpica e os sinais da crise do modelo globalitário. **Geusp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 1, p. 52-68. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geusp.2016.107148> Acesso em: 21 jul 2019.

MASCARENHAS, Gilmar. Megaeventos esportivos e urbanismo: contextos históricos e legado social. In: RODRIGUES, Rejane Penna, PINTO, Leila Mirtes Magalhães, TERRA, Rodrigo, DACOSTA, Lamartine P.. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília, DF: Ministérios dos Esportes, 2008.

MASCARENHAS, Gilmar. Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-americanos - 2007. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona, v. 11, n. 245, (13), ago. 2007. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24513.htm>. Acesso em: 20 jul 2019

MASCARENHAS, Gilmar. Natureza e tensões do urbanismo olímpico contemporâneo. In: OLIVEIRA, Floriano Godinho de, FREIRE, Désirre Guichard, DE JESUS, Gilmar Mascarenhas de, OLIVEIRA Leandro Dia de (org.). **Geografia Urbana: ciência e ação política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. 400p.

MOTTA SOBRINHO, Alves. **A civilização do café (1820-1920)**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

RAEDER, Sávio. Desenvolvimento urbano em sedes de Megaeventos Esportivos. In: RODRIGUES, Rejane Penna, PINTO, Leila Mirtes Magalhães, TERRA, Rodrigo, DACOSTA, Lamartine P.. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília, DF: Ministérios dos Esportes, 2008.

RIO DE JANEIRO. Secretária da Casa Civil. **Jogos Olímpicos e legado**. Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: as técnicas, tempo e o espaço geográfico**. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2014. 392p.

SEABRA, Odette. C. de L. A produção do espaço urbano: abordagens e método de análise. *In*: OLIVEIRA, Floriano Godinho de, FREIRE, Désirre Guichard, DE JESUS, Gilmar Mascarenhas de, OLIVEIRA Leandro Dia de (org.). **Geografia Urbana: ciência e ação política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. 400p.

SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. . *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUZA, Marcelo Lopes de, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escala e desafios**. São Paulo: Contexto, 2017.

SPÖRL, Martin Christoph Curi. **Espaço da Emoção: arquitetura futebolística, torcida e Segurança Pública**. Tese (Doutoramento em Antropologia - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2012, p. 111-172. Disponível em: http://www.proppi.uff.br/ppga/sites/default/files/curi_martin_tese_completo.pdf. Acesso em: 15 ago 2019.

TAVARES, Otavio. Megaeventos esportivos movimento. **Movimento: revista de educação física da UFRGS**. v. 17, n. 3, jul-set, 2011, p. 11-35. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.23176>. Acesso em: 20 jun 2019

TELLES, Vera. **A Cidade nas Fronteiras do Legal e Ilegal**. Argvmentvm: Belo Horizonte, 2010. p. 81-106, 147-169.

Aprovado em 23/dez/2019